

MUSICOBIOGRAFIA



LUIZSEMAN

Quem é

Luiz Seman

Nasceu em São Paulo (SP) em 1959.

- Bacharel em Letras na área de Inglês com ênfase em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná.

Produtor e designer gráfico formado pela Escola SENAI Theobaldo De Nigris e pela Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP (SP).

Profissional com mais de quarenta e cinco anos de experiência nas áreas de editoração, design gráfico, pré-impressão e impressão.

Artista plástico nas técnicas de gravura em metal, xilogravura e pintura sobre papel, participou de vários salões e exposições de arte no Brasil e exterior, tendo diversas premiações.

Autor de mais de dez publicações técnicas nas áreas de Produção Gráfica, Impressão e Design Gráfico (entre elas, o *Pequeno Dicionário Ilustrado de Termos Gráficos*, da Gráfica e Editora Posigraf S.A.).

Palestrante do tema Produção Gráfica, tendo visitado mais de vinte e cinco cidades no Brasil e em Buenos Aires (Argentina) ministrando *workshops* sobre o processo de editoração, produção gráfica e impressão.

Vive em Curitiba desde 1994.



Clique nestes ícones
(áudio, vídeo, website
ou documento) e
acesse na internet
conteúdo relativo a cada
assunto aqui tratado.

História musical

My way

São Paulo (SP), final da década de 1960, começo dos anos 1970. Eu era aquele menino que gostava de ler; minha irmã era aquela menina que gosta de ouvir música. Dividíamos um quarto amplo no segundo andar de um sobrado no Tatuapé, Zona Leste da capital paulistana, perto da Praça Sílvio Romero. Toda noite eu queria ler em paz, e ela queria ouvir música no escuro.

Dessa “divergência de objetivos” surgiam brigas sempre resolvidas pela Dona Olga (nossa mãe) com um sonoro “*os dois vão dormir – já!*”. Como não tínhamos sono, entramos num acordo: minha irmã ouvia o rádio mais baixo enquanto eu lia meus livros debaixo da coberta, iluminando as páginas com uma lanterna.

Eu lia histórias em quadrinhos; ela ouvia, invariavelmente, as rádios Difusora e Excel-sior, ambas transmitindo em AM. Aos sábados, minha irmã corria até a loja de discos para comprar os compactos com os últimos sucessos, ouvidos diariamente no rádio. Com os “disquinhos” na mão, convocava a “turma” do colégio e promovia “bailinhos” no quintal de casa, animados pela indefectível “vitrolinha”.

Sábado era o dia que eu não queria ler; então, prestava atenção nas músicas que minha irmã ouvia. Cresci com a trilha sonora desses “bailinhos”, balbuciando canções estrangeiras numa “glossolalia” claudicante. Assim surgiu, para mim e para tantos da minha geração, a influência da cultura musical estrangeira e do idioma inglês. Era a língua que nos “bombardeava” constantemente; corações, mentes e partes pudendas pulsavam ao som de músicas estadunidenses e inglesas.

Claro, tínhamos também as maravilhosas composições musicais escritas no vernáculo de Voltaire a embalar nossos púberes sonhos românticos (*F... Comme femme* está entre as minhas preferidas), e as pungentes canções cantadas no idioma de Dante (*Se non avesse piu te* até hoje me leva às lágrimas), mas o que predominava em nosso imaginário musical (e no *dial* dos rádios) era o idioma inglês, seja da matriz inglesa – que deu ao mundo Shakespeare, os discursos gaguejados por George IV, a Lady Di e os Beatles – ou da filial estadunidense, que proporcionou Ralph Waldo Emerson, a *Bill of Rights*, a Lady Gaga e os Bush.

O que nem suspeitávamos nessa época era que parecia estar “em marcha” uma desconstrução da nossa identidade (não apenas) musical, que acabava sendo patrocinada por nós mesmos. E a gente nem entendia o que os caras que cantavam estavam tentando nos dizer... Ou ainda, tentando não nos dizer! Assim, literalmente, “*the book was on the table*”; a gente não entendia nada, mas gostava do que “lia”. Seguiu o baile, e nós dançávamos conforme a música que disponibilizavam pra gente. E sequer desconfiávamos que “era de propósito”...

De tanto ouvir as músicas preferidas da minha irmã, comecei a gostar de música. Dois episódios fizeram com que eu criasse o hábito de ouvir músicas, que agora seriam escolhidas por mim. O primeiro: meu pai comprou um álbum de luxo, comemorativo ao aniversário da gravadora Philips. Nele, Tim Maia cantava *These are the songs* em dueto com Elis Regina; “pirei” na voz do Síndico. O segundo: num certo natal no final da década de 1960, eu ganhei pequeno gravador portátil de fitas cassete.

A primeira música que cantei inteira foi “All is fair in love”, do Stevie Wonder. Eu tinha 10 anos e gravei ela num gravadorzinho de fita cassete. Então, percebi que era cantor.

A partir daí, deu-se início à minha cultura musical. Visitava uma loja de discos “do bairro” e selecionava diversas músicas, que eram gravadas pelo atendente da loja em fitinhas cassete – uma pirataria total, diga-se; nessa loja, mandei gravar uma seleção de músicas do Tim, bem como o álbum “Machine head”, da banda inglesa Deep Purple (um dos “marcos” da minha audiofilia).

Eu ouvia sem parar essas fitas no “gravadorzinho”. Ainda não me interessavam as letras das músicas, simplesmente me deixava levar pelo suíngue e vocalização do Tim e pelo peso dos *riffs* matadores da guitarra do Ritchie Blackmore. Em 1973, meu pai comprou um “sistema de som” da Gradiente – composto por um amplificador/receiver STR 800, um toca discos Garrard 630-S, um gravador/reprodutor de fitas cassete modelo CD 1666 e duas maravilhosas caixas acústicas de madeira e tela de juta... Meu senso crítico foi aguçado por essa maravilha tecnológica! Essa aparelhagem permitiu que eu ouvisse, em som estéreo, os LPs que escolhi como trilha sonora da minha adolescência – era eu quem agora comprava os discos, em vez de pirateá-los em fitinhas.

Os álbuns de rock progressivo sucediam-se sob a agulha da Garrard ou pelo “cabeçote” do CD-1666: “The dark side of the moon” (Pink Floyd), “As seis esposas de Henrique VIII” (Rick Wakeman) e “Close to the edge” (Yes) estavam entre os preferidos. Havia o álbum favorito, que ouvi “até furar”: “Brain Salad Surgery”, do trio de rock progressivo Emerson, Lake & Palmer. “Decorei” o disco. Sei tudo de cor – letras, *riffs* de teclado, *grooves* de baixo e viradas de bateria. Esse álbum despertou meu interesse pelas letras das músicas e eu retomei, então, contato com a língua inglesa, que havia iniciado três anos antes num curso de inglês da Yázigi no Tatuapé. Assim, cometi minhas primeiras traduções, um tanto toscas, anotadas em um caderninho de capa dura. “Bem vindos de volta, meus amigos / ao show que nunca termina”.

No final da década de 1970, meu interesse mudou: *girls, girls, girls*. Não era o filme do Elvis, nem o álbum do Mötley Crüe; eram as meninas em carne e osso. Essa mudança me levou às discoteques, pois era lá que elas estavam... Dá-lhe Papagaio Disco Club, Banana Power, Discotheque Aquarius... E dá-lhe também K. C. and the Sunshine Band, Chic, Kool & The Gang e quetais.

No começo da década de 1980, comecei a fazer sucesso cantando em reuniões de amigos e nos karaokês de São Paulo. Num dos karaokês do bairro dos Jardins, fiquei em segundo lugar num campeonato, ganhando até troféu! O dono do karaokê me confessou

depois que venci nos votos do júri, mas fizeram um “acordo” para dar a vitória a um cliente mais assíduo que eu.

No “som” do carro (primeiro um TKR “cara preta”, depois um Bosch Miami) eu ouvia (fitas cassete) invariavelmente Djavan, Lulu Santos e Stevie Wonder. Esses artistas eram a “trilha sonora” ouvida a caminho dos jogos de futebol (leia-se Corinthians da Democracia), durante a criação e execução de projetos gráficos (minha outra especialidade) e serviam de fundo musical para *affairs* tresloucados (um de meus *handicaps*). Mas a música adquiriu para mim importância fundamental e surpreendente no ano de 1986.

Subo nesse palco

Trabalhava como editor de arte de um jornal e, na viagem de volta da cobertura de um evento em Ribeirão Preto (SP), para não dormir enquanto dirigia, puxei o assunto “música” com o fotógrafo do jornal, um sansei louco por jazz chamado Renzo Okasima, que comigo viajava (literalmente). Dirigindo um Voyage azul metálico, em algum ponto da rodovia SP 330, comecei a cantar trechos de músicas que conhecia. O fotógrafo gostou da voz do diagramador; Renzo tinha vários amigos que eram músicos e me levou para assisti-los tocando num “barzinho” da Rua Bela Cintra.

Lá, uma canja em *Red house*, do Jimi Hendrix, levou a mais uma canja, e mais outra... Seguiram-se *Purple Haze*, *Johnny B. Good*, *Foxy Lady*, *Fire*... Uma semana depois, João Motta – guitarrista que tocou todos os “Hendrix” daquela noite – me convida para atuar como vocalista em uma nova banda que ele estava formando. Surge a Classic Cover Band, que durante os próximos oito anos apresentou-se regularmente no circuito paulistano de casas noturnas (*confira na pág. 148 todas as formações da Classic, bem como a formação de todas as bandas das quais participei*).

O primeiro show da banda (meu primeiro show “oficial” como cantor) foi uma apresentação promovida para arrecadar fundos para o Partido dos Trabalhadores, no tradicional salão do Royal Clube, na Barra Funda. A *gig* foi “pra valer” – ou seja, ganhamos um cachê para tocar. Era o primeiro show da banda, e já “quebramos o pau” com o organizador do evento, que alegava menor presença de público para pagar menos... Senti cravadas as primeiras “garras” do capitalismo selvagem...

Para poder exercer a atividade de músico profissional, “tirei” minha primeira carteira de registro na Ordem dos Músicos do Brasil em 1987. O “exame” foi hilário: cantei duas estrofes de “Garota de Ipanema”, acompanhado pelo Motta ao violão; o veredito do Maestro examinador: “Pode parar; o senhor está habilitado, parabéns!” Passei a exibir orgulhoso, a habilitação de “Cantor Popular”! Percebi logo que era apenas uma entidade arrecadadora, e continuei renovando para que as casas nas quais cantava não fossem multadas, somente isso; no meu caso, a Ordem não servia para nada a não ser arrecadar meu dinheiro uma vez por ano e exercer fiscalização punitiva.

O primeiro show da banda (meu primeiro show “oficial” como cantor) foi uma apresentação promovida para arrecadar fundos para o Partido dos Trabalhadores, no tradicional salão do Royal Clube, na Barra Funda. A *gig* foi “pra valer” – ou seja, ganhamos um cachê para tocar. Era o primeiro show da banda, e já “quebramos o pau” com o organizador do evento, que alegava menor presença de público para pagar menos... Senti cravadas as primeiras “garras” do capitalismo selvagem...

Para poder exercer a atividade de músico profissional, “tirei” minha primeira carteira de registro na Ordem dos Músicos do Brasil em 1987. O “exame” foi hilário: cantei duas estrofes de “Garota de Ipanema”, acompanhado pelo Motta ao violão; o veredito do Maestro examinador: “Pode parar; o senhor está habilitado, parabéns!” Passei a exhibir orgulhoso, a habilitação de “Cantor Popular”! Percebi logo que era apenas uma entidade arrecadadora, e continuei renovando para que as casas nas quais cantava não fossem multadas, somente isso; no meu caso, a Ordem não servia para nada a não ser arrecadar meu dinheiro uma vez por ano e exercer fiscalização punitiva.

Seguiram-se várias apresentações, até nos firmarmos como banda “profissa”. A Classic Band seguiu sua carreira “gloriosa” apresentando-se durante alguns anos no Persona Bar, no comecinho da Rua Treze de Maio no bairro do Bixiga, onde tocava para uma “fauna” inacreditável de notívagos consumidores de substâncias proibidas pela legislação e *fre-aks* de todas as tendências.

Fomos adquirindo alguma fama no circuito das casas de música ao vivo, até atingirmos o “estrelato” na área: nos tornamos atração fixa do Victoria Pub, lendária casa de shows na Alameda Lorena, nos Jardins, em São Paulo. Nessa época, atualizamos a marca da banda, que passou a ser Classic Band.

No Victoria Pub, cantei por quatro anos seguidos (com a Classic e outras formações), e tive a oportunidade de me apresentar junto a vários artistas internacionais que, em turnês por São Paulo na década de 1990, acabavam aparecendo por lá. Merecem destaque uma *jam* com músicos do grupo Oingo Boingo, *one hit wonder* que fez sucesso no início dos anos 90 com a música *Stay*; os caras da banda nos proporcionaram momentos fantásticos, tocando junto com a gente e descolando *backstage passes* para seu show na cidade. Com o batera do Nazareth (Darrell Sweet - RIP) armamos uma *blues jam* inesquecível.

Também grandes figuras do rock nacional dividiram conosco o minúsculo palco do Victória; segue uma lista daqueles que me lembro:

Os irmãos Andria e Ivan Busic (baixo e bateria - Dr. Sin), Franklin Paolilo (bateria - Tutti Frutti, O Terço, etc.), Gel Fernandes (bateria - Sunday, Rádio Táxi), o lendário Luís Carlini (guitarra - Tutti Frutti), Oswaldo “Coquinho” Gennari (RIP - baixo - Patrulha do Espaço), Peninha (percussão - Barão Vermelho), Percy Weiss (voz - Made In Brazil, Patrulha do Espaço, Harppia), Rolando Castelo Júnior (Patrulha do Espaço - uma honra tocar com o Júnior, um dos melhores bateras de rock do Brasil - “Long live Patrulha!”), Ronaldo Paschoa (guitarra - Zhappa, Rock Memory, Rockover), Simbas (vocal - Tutti Frutti, Casa das Máquinas),

Tuco Marcondes (guitarra - Edson Cordeiro, Zeca Baleiro) e muitos (muuuitos!) outros. Um momento inesquecível dessa fase da banda: ela foi elogiada pelo Ritchie Blackmore, aquele mesmo que me encantava na infância com os riffs matadores. No intervalo de um show da Classic no Victória, o autor do riff de *Smoke on the water*, que estava em turnê pela cidade e “apareceu” no bar, parou em frente ao palco, ficou ali apreciando a música e, após o fim daquele set, dirigiu-se a mim, apertou minha mão e disse: — “*You’ve got a great band, man!*”. E lá fui, todo orgulhoso, pro segundo set daquela noite.

O *lineup* da *great band* naquela noite era formado por João Motta na guitarra, de técnica extraordinária, cujas influências principais são David Gilmour, Eric Clapton e Jimmy Page; Fábio Arantes no baixo, com uma pegada segura e alma de irmão; e Maurício Leite, que na época estava se transformando no mestre que hoje faz dezenas de concorridíssimos workshops de bateria pelo Brasil. Um *power trio* instrumental que desfilava rock dos anos 70, blues, funk, Pink Floyd, Cream e mais uma porrada de outras referências, que cada um desses músicos fantásticos trazia para os “microscópicos” palcos sobre os quais nos equilibrávamos.

Numa estante de partituras estrategicamente colocada à minha frente, escritas manualmente em letras garrafais, ficavam as letras das músicas que eu cantava. Sem a internet para pesquisa, eu “tirava” as letras “de ouvido”, o que melhorou sensivelmente minha *english language awareness*. Quem já fez isso alguma vez na vida sabe: tirar músicas do Pink Floyd de ouvido era “teta”: a pronúncia do Gilmour era perfeita. Por sua vez, Mick Jagger e Robert Plant tinham uma pronúncia escrota, o que tornava a missão de transcrever o que eles cantavam um “pé no saco”. Quanto à minha pronúncia, eu era constantemente elogiado pela ausência de *embromation* (ou *espikingles*) em minhas interpretações.

No começo da década de 1990, a Classic fechou contrato com o Hilton Hotel de São Paulo para apresentações semanais na “London Tavern”, um pub que ficava no subsolo do hotel, o que proporcionou experiências verdadeiramente antropológicas, de “tocar” para um público multifacetado. Antes dos shows no Hilton, inúmeros cafezinhos no Fran’s Café do Edifício Itália (alguns deles com Antonio Ermírio de Moraes - RIP); após o trabalho, jantares clássicos no *bas fond* paulistano e grandes aventuras na *night*.

Have metal

Seguiam os bares e bailes da vida, nos quais fui aprofundando o conhecimento da língua inglesa e da música. Na segunda metade da década de 1980, havia um reduto de headbangers na Avenida Adolfo Pinheiro chamado Black Jack Bar, templo paulistano do heavy metal, na época em sua versão *Mark III*, “tocado” por Paulinho Heavy e Fernando “The Crow” Costa. Lá, apesar do repertório de clássicos da Classic não ser o preferido do público, e do nosso visual ser, digamos, alternativo para o local (os quatro músicos da Classic já começavam a apresentar carecas respeitáveis), conquistamos a admiração e respeito dos cabeludos frequentadores em *gigs* inesquecíveis.

Com o trio “Outcasts in the dark”, fiz no Black Jack um show cantando e tocando baixo; minha primeira (e até 2008 a única) tentativa de assumir um instrumento simultaneamente ao vocal. Como frequentador, durante meses, eu aparecia todas as quartas-feiras no Black Jack e acabava dando “canja” com o maravilhoso power trio “Triviun”, formado pelos excelentes Tuco Marcondes (guitarra - Edson Cordeiro, Zeca Baleiro), Hélio Leite Cosmo (baixo - Áries) e Wagner T. C. Cardozo (bateria - Amado Batista, Orquestra Paulista de Soul).

Lá no Black Jack, numa fria noite de sábado, ao olhar para o céu após uma performance especialmente inspirada, descobri que a lua cheia me faz cantar melhor (isso “rola” até hoje).

A Classic Band durou de 1986 a 1994, minha fase de formação como músico, para a qual meus bandmates e os músicos com os quais convivi nesse período contribuíram significativamente.

All the world's a stage

Cantei em todos os bares dos Jardins (zona “nobre” de São Paulo, SP), todos que tinham espaço para música ao vivo entre os anos de 1986 e 1994. Na época, eu morava na Haddock Lobo entre Itú e Franca; assim, podia sair do “apê” a pé e tocar nas principais casas noturnas daquela região.

Em dupla com o extraordinário guitarrista João Motta, fazia *pocket shows* de voz e guitarra com repertório baseado em Led Zeppelin (as mais acústicas), Clapton e outros etceteras do rock estadunidense e inglês dos anos 70, em vários bares localizados no quadrilátero formado pela Avenida Paulista, Rua Estados Unidos e as avenidas Rebouças e Nove de Julho.

Com o Motta, gravei o vocal de suas composições próprias em português; destaque para a linda balada “Quem somos nós”.

A dupla Motta/Seman viveu uma noite escabrosa no Victória Pub em 1989. Nosso repertório internacional não agradou um coronel paulistano, ex-secretário de segurança pública que, de revólver em punho, exigiu aos berros que tocássemos música brasileira. Como não era nossa especialidade, para evitar uma “cagada” maior, saímos “de fininho” do bar, com os “cus nas mãos”. O cara armou o maior perrengue, não pagou couvert artístico e ameaçou “fechar a casa”; chamou viaturas da Polícia Civil, os “tiras” deram “geral” em todo mundo e levaram meia dúzia de coitados pro xadrez. Tenso...

No ano de 1990, fiz uma temporada na casa Opus 2004, então na Al. Pamplona, com uma banda sensacional: Crossroads Blues Band (em sua segunda formação), que ficou alguns meses como atração fixa daquela casa.

Mais ou menos nessa mesma época, eu fui convidado por um grupo de rapazes para uma *gig* de blues na cidade natal de um deles, um cara gordinho de óculos. Convidei o Daniel Szafran (grande tecladista paulistano do “Bonra”, o bairro do Bom Retiro), e fomos “fazer” o show. Infelizmente não lembro os dados (nome da cidade, nome do gordinho), mas o cara era uma “fera” na *blues guitar*: tinha uma Fender Strato creme velha e um *amp* Fender Twin; com este set, tirava um puta som de guitarra e mandava *licks* incríveis de blues! Fica o registro de uma *gig* inesquecível.

Nesse mesmo período, eu levei o Marinho (que viria a ser baixista das bandas Pavilhão 9 e Yo-ho-delic) pra música profissional ao ouvi-lo (estudando Billy Sheehan no baixo) pela janela de um “apê” vizinho ao meu na Rua Haddock Lobo. Pedi para falar com ele, e acabei convidando-o a tocar em uma banda. Armamos uma *gig* no Esporte Clube Banespa (SP); foi seu primeiro “trampo” profissa. Aliás, eu comprei o baixo que ele usava na época, e com isso ele juntou uma grana pra comprar um baixo melhor.

Em 1991, tive o prazer de participar de uma Aerojam do Aeroanta (SP), com a banda Power Band, desfilando sucessos do grupo The Power Station. Essa banda participou da histórica última Aerojam, na qual cantei ao lado de Fernanda Abreu (Blitz), André Abujamra (Mulheres Negras e Karnak), Zique (Nau), Calegari (365), Akira S (d’As Garotas que Erraram), Paulo Zinner (Golpe de Estado), numa rica salada de referências musicais – outra noite pra não esquecer.

No ano seguinte, minha principal atividade profissional (de produtor e designer gráfico) proporcionou uma experiência que indiretamente estava relacionada à música. Trabalhei no que foram os primórdios da Editora Escala, como editor executivo de produtos editoriais voltados ao público consumidor de “música jovem”, especificamente rock e *metal oriented rock*. O portfólio da editora constava de posteres e revistas com fotos e textos das maiores bandas do segmento, retirados das grandes revistas importadas, das quais eram traduzidas as reportagens e matérias e recortadas artesanalmente as fotos, sendo concebidos assim “monstros de Frankenstein” editoriais.

Um produto em particular transformou-se num *case* editorial: durante mais de dois anos e meio, a revista mensal Top Rock sustentou-se exclusivamente da venda em bancas, com tiragens que atingiram a marca de trinta e cinco mil exemplares; atingia média entre 65% e 75% da tiragem em vendas e “bombava” também nas vendas de números atrasados. Não estampou nenhum anúncio em seu espelho até a vigésima edição, o que comprova a sustentabilidade de seu sucesso – que, no entanto, não se dava pela qualidade ou originalidade de seu conteúdo (o mercado contava com revista que produzia material original, a pioneira Rock Brigade), mas sim pela força de sua distribuição. A partir da 21ª edição, a revista começou a publicar matérias originais, o que coincidiu com a inserção de anúncios. Nessa fase, passa a experimentar queda progressiva nas vendas. A revista Top Rock acabou vinte e sete edições após seu lançamento.

I'm moving on

Tive também a oportunidade de gravar – sendo cantor e autor das letras (em inglês) das músicas – o CD “Quantum II”, de rock progressivo, lançado em 1993 pela gravadora Record Runner. Esse álbum deve ter vendido pelo menos umas vinte cópias no Japão, França e Itália – enfim, a fama internacional!

Participei do lançamento do CD “Fickle Pickle”, do trio homônimo, formado por André Christovam (guitarra), Néelson Brito (baixo - Golpe de Estado) e Paulo (Zinner (bateria - Golpe de Estado). Após o último show da temporada de lançamento do álbum no Centro Cultural Vergueiro em São Paulo o André saiu da banda, e o Paulo e o Néelson me convidaram pra assumir o vocal e o Marcos Otaviano a guitarra pra fazermos um show que já estava marcado, e deveria ser parte da temporada de lançamento do CD. Fizemos apenas essa *gig* no bar Jazz & Blues em Santo André (SP).

No mesmo ano surge a banda Deep Blue, da qual fui o vocalista e autor das letras (também em inglês). O quinteto compôs temas *blues oriented*, pois havia a possibilidade de um *record deal* dentro desse estilo; devido às múltiplas influências de seus componentes, produziu uma interessante mistura à qual dou o rótulo de *blues fusion*, ou *jazzy blues*. Quando a banda conseguiu contrato com a gravadora Castle Records em 1995, não o assinei, apenas cedi os direitos de autoria das letras: já havia mudado de “mala e cuia” para Curitiba.

New kid in town

Com toda essa bagagem musical, acompanhado da então esposa e de dois nenês super fofos (meus filhos gêmeos Thiago e Lucas), cruzei a BR 116 a bordo de uma Variant II lotada chegando, em novembro de 1994, a Curitiba. Começa minha trajetória musical na capital do Paraná.

Um capítulo à parte dessa história foi “escrito” no Hermes Bar. Antes de conhecer esse templo da música ao vivo, fui “descoberto” em Curitiba pelo Luís Alceu, proprietário da casa, durante uma canja que dei com a banda “Cara de Pau”, de São Paulo, que fazia uma gig no Aeroanta de Curitiba. Após o show, durante a confraternização no camarim, aparece o “Lulo” e me convida a apresentar-se em sua casa.

Começou assim uma “temporada” que completou em 2018 quase vinte anos ininterruptos de apresentações no bar musical mais tradicional de Curitiba. No palco e no “porão sagrado” do Hermes, já vivi inúmeras histórias musicais; é hoje o bar no qual eu me apresentei mais vezes durante minha carreira. Aquela esquina da Av. Iguaçu era um lugar mágico...

Surpresa do destino: meus dois cunhados curitibanos eram músicos; com eles, formo em 1995 a Basic Blues Band, que destila blues e rocks poderosos durante um ano. Mas a família tinha mais atrações: minha então sogra era a Dama do Jazz de Curitiba, a *chanteuse extraordinaire* Selma Baptista.

Através da Selma, conheço em 1996 os grandes do jazz de Curitiba e junto-me a eles em três anos de incríveis apresentações no Cicarino Bar. Esse trabalho me deu a oportunidade de cantar o fino do jazz e da Bossa – Mel Tormé, Sinatra, Bennet e quetais, em noites repletas de *scat singing* e quebradeira. Registram-se nessa época papos inesquecíveis no *backstage* (na verdade, o depósito de bebidas do bar) com o colega ator, sapateador e *one man show* Hélio Barbosa. No intervalo dos papos, lá íamos nós fazer um dueto de voz e sapateado em *All of me*, com direito a solos de *trombôca*.

O Cicarino contratava músicos e atrações artísticas do Rio e SP para apresentações; numa delas, o lendário Miéle (RIP) me chamou de “Mel Tormé de Curitiba”.

Mais uma vez, “tirei” a famigerada carteira de registro na Ordem dos Músicos do Brasil, dessa vez na regional do Paraná. Continuou na mesma: apenas uma entidade arrecadadora. Depois de dois anos, assinei uma ação coletiva contra a obrigatoriedade da carteira e me liberei dessa inutilidade.

Entre 1998 e 1999, fiquei como cantor *freela*, sem uma formação fixa, tocando aqui e ali – desde que se pagasse um cachê. Fiquei durante oito meses tocando no Shopping Estação Plaza, abrindo shows com a banda Quorum para as atrações nacionais e internacionais que se apresentavam no local.

Em 1999, aconteceu um *highlight* da minha carreira musical: venci, na categoria “Cantor”, o Troféu Saul Trumpet, outorgado aos melhores músicos paranaenses.

Também nessa época, fui acompanhado por um dos maiores músicos com o qual tive o privilégio de tocar: o extraordinário guitarrista Reamir Scarante (RIP) que, coincidentemente, tinha sido professor do João Motta da Classic Band. O Scarante, um monstro da guitarra, foi o responsável, entre outras façanhas que ele me contava com prazer, por escrever o arranjo de “Travessia” para o Milton Nascimento, quando este chegou de Minas para defender a canção num dos grandes festivais da década de 1970 em São Paulo.

Vivi o que se chama de “momento mágico” com o Scarante em 1999, no palco do lendário Hermes Bar de Curitiba. Estávamos eu, o Scarante e o Fernando Daher fazendo aquele trabalhinho honesto, com muita improvisação e uma grande dose de jazz, quando entra no boteco um sujeito gordo, careca, cara de moleque. Eu até pensei: “Pô, esse cara parece o Ed Motta”. Era o próprio! Ed ficou curtindo nosso set; no intervalo, me chamou para conversar, e me disse:

— “Cara, você canta muito!”. Respondi: — “Você também!”

Chamei-o ao palco e juntos, tocamos até a madrugada, curtindo, tocando e trocando acordes e improvisos juntos. Fatos como este fazem valer o tédio experimentado em algumas *gigs* burocráticas que a gente faz por aí...

Sweet Memories



Neste mesmo ano de 1999 eu cantava numa *gig* “pra lá” de burocrática, sinistra, no extinto bar Cartagena (no bairro do Batel, Curitiba). Ninguém prestava atenção na música; o público acompanhava um jogo de futebol qualquer no enorme telão instalado no bar, e estava, de fato, “cagando e andando” para a banda. No meio da apresentação, o baixista Toni Rocha (que me acompanhava) começou a sugerir uns temas “das antigas”, umas canções românticas das décadas de 1960 e 1970. O povo parou de assistir o futebol, começou a afastar as cadeiras pra dançar... E até nos aplaudiram! Essa reação positiva (e inesperada) ao repertório escolhido levou o Toni a ter a ideia de montar uma banda com a proposta de tocar sucessos internacionais no estilo *flash back*.

Nascia assim a banda Sweet Memories, que fez seu primeiro show no Hermes Bar em 09 de julho de 1999. Na ativa até hoje, a banda agrada a geração que cresceu e viveu nos anos da década de 1970, e conquista os fãs mais jovens a cada show.



Cose della vita

Em 2008, procurando espaços alternativos, surge a oportunidade de tocar no Bar Santa Marta, recém inaugurado em Curitiba. O espaço permite apenas uma formação em trio; nasce então o trio acústico RadyoRocks, constantemente contratado para apresentações em casas noturnas, cerimônias e eventos.

All that jazz

Em 2010 eu tive a oportunidade de realizar um sonho. Fui convidado pelos grandes músicos (e pessoas) Evaldo Ribeiro e Rogério Leitum a fazer parte da Curitiba Jazz Orchestra, uma formação de dezessete músicos da mais alta qualidade, que se apresenta com extrema competência e (infelizmente) com pouca frequência.

No mesmo ano, o grande Helinho Brandão me convida para ser o *crooner* da Brandão Jazz Band, grande *line up orchestra* com 18 componentes. Outra curta experiência: um show e muito, muito som.

Completando a expectativa (e a frustração), o ano jazzístico viu a formação do quarteto Collman Pastori. Muito som, poucas *gigs*, *same old, same old*...

What's going on?

A partir de 2013, a procura do público por casas noturnas com música ao vivo de qualidade começa a cair assustadoramente. Em pouco tempo, casas tradicionais começam a procurar músicos dispostos a tocar, por cachês cada vez menores, repertórios que atendam o “volátil” gosto musical do público pela música da moda (seja ela qual for). Claro que os donos das casas noturnas têm um negócio a administrar, e devem seguir as regras do mercado; porém, algumas dessas casas, por incapacidade administrativa dos proprietários, começam a pagar em cheque, parcelar e até “furar” o pagamento dos cachês. Isso, somado à crise da hora, faz o mercado da música ao vivo minguar. Também conta para piorar a situação o fato de que o repertório da Sweet Memories (e eu também) “envelhece” aos olhos do público e já não tem o mesmo apelo.

Vem 2020 e a pandemia. Chega 2021, continua a pandemia... Shows cancelados, casas fechadas... Só a saudade canta, alto e forte.

Depois de tomar a 4ª dose da vacina, voltei. Foram dois anos de silêncio, o que descansou minha voz, e voltei alcançando notas que tinha perdido!

Hoje concentro o meu repertório nas apresentações em jazz e blues, duas expressões muito caras, que me dão muito, muito prazer em cantar.

Too old to rock'n'roll, too young to die

*"Quem repete fórmulas não faz arte, e sim negócio". A frase é do Odair José. Minha carreira musical, numa análise rápida, é isso: 95% do tempo eu faço cover; sempre foi mais pelo cachê, mesmo, confesso. Óbvio que adoro cantar, amo e entendo a música; dividir um palco com músicos é uma experiência mágica. É que sempre foi minha segunda atividade: produtor gráfico de dia, cantor à noite. Sempre tive uma visão pragmática da música; porém, nunca deixei de me entregar ao som, e nunca desrespeitei a música. Subo no palco para cantar e dou o melhor de mim, o resto é "efeito colateral": **o espetáculo é sempre a música e nunca eu**. É um negócio mas, no meu caso, bem feito e com respeito.*

Quase sempre cumprio o papel de provar a mim e a quem me ouve haver algo de conveniente em minha convincente voz. Quase nunca consigo. Muitas vezes, reclamo cantar pras paredes, mas na prática sou eu que dou as costas para quem esteja à minha frente. Por necessidades materiais, nunca me entreguei exclusiva e apaixonadamente ao ofício de músico, e isso pode também contribuir para esse envolvimento parcial dos ouvintes, criando uma relação distante entre o eu cantor e a plateia. Soma-se a isso o proverbial distanciamento emocional do público curitibano, que encontra na minha (creio) falta de capacidade de agradar o catalisador de exibições explícitas de morna indiferença mútua.

Ambos personagens desse ato têm a obtusa certeza de que oferecem pérolas e recebem pílulas; essa falta de empatia entre cantor e público monta o palco perfeito para uma relação distante e praticamente silenciosa, que lamento – mas é a única possível, talvez pela dimensão das capacidades emocionais de todos envolvidos.

Em compensação, tive a felicidade de perceber que a maioria de meus colegas de palco sempre soube externar sua alegria e prazer em tocar comigo, tocando profundamente minha fugidia persona artística, fazendo de mim um cantor melhor. Agradeço sinceramente os músicos dessa estirpe com os quais tive a honra de trabalhar.

Por hora, sigo teimando e tentando cantar, acreditando no clichê "o próximo show será o melhor". Esta teimosia, com sua (espero) sábia eloquência talvez possa me fornecer fôlego extra para acrescentar novos capítulos a essa história. Amanhã nunca se sabe, como disse Lennon na canção "Tomorrow never knows": "So play the game 'Existence' to the end / Of the beginning".

Curitiba, Março de 2023.

Formações das bandas de Luiz Seman

Em São Paulo

CLASSIC COVER BAND I (1986) Estilo: rock, blues dos anos 60/70. Luiz Seman (voz), João Motta (guitarra - Rain Song Led Cover), Marcelo Kwasnievski (baixo) e Maurício Leite (bateria - V8, FKC).

CLASSIC COVER BAND II (1986 - 1989) Luiz Seman (voz), João Motta (guitarra), Ney Haddad (baixo - Brinco Colado, Tchucabandionis, Neanderthal, Mobilis Stabilis, Estúdio Quorum) e Maurício Leite (bateria).

CLASSIC COVER BAND III (1989 - 1990) Luiz Seman (voz), João Motta (guitarra), Maurício Milani (baixo - Mixto Quente) e Maurício Leite (bateria).

OUTCASTS IN THE DARK (1989) Estilo: rock, shuffle, blues. Luiz Seman (voz e baixo), João Motta (guitarra) e Abrão Feldman (bateria).

Abro um parentese para uma banda que eu "inventei". Nunca existiu, mas seria sensacional:

Nome: PLASTIC FORMAGGIO.

Estilo: Músicas folclóricas instrumentais de vários países.

Formação: Guitarra, Tuba e Bateria.

Guitarra: Um guitarrista "heavy metal melódico" com uma aparelhagem "animal": guitarra Ibanez Steve Vai verde fosforescente e um "armário" de efeitos.

Tuba: Acionada por fole, ligado ao bocal da tuba por um tubo de plástico transparente com luzes, desses que se usam em decoração natalina. O "tubista" pisa no fole e aciona a tuba, que faz o "papel" de baixo.

Bateria: composta por um tarol como caixa, bumbo Ludwig de 28 polegadas. O chimbau(l) é formado por dois pratos china crash de 18 polegadas. A "louça": dois pratos crash de 24 polegadas e um gongo de 80 polegadas. As baquetas são custom made: dois cabos de vassoura cortados, com 30 centímetros de comprimento.

Vestidos com togas romanas, os músicos interpretariam temas folclóricos de vários países em ritmo de polca européia (único ritmo tocado pelo trio).

Durante o show, seriam arremessados sobre a platéia macarrão espaguete nº 8 Grano Duro, molho de tomates tipo pomodoro e queijo Parmigiano Reggiano ralado.

CLASSIC BAND IV (1991 - 1994) - Luiz Seman (voz), João Motta (guitarra), Fábio Arantes (baixo) e Maurício Leite (bateria).



CROSSROADS BLUES BAND I (1989) Estilo: blues, hard rock. Luiz Seman (voz), Rubinho Gióia (guitarra - A Chave do Sol), Capitan Aguirre (baixo - Terreno Baldio) e Maurício Leite (bateria).

CLAPTONMANIA (1990) Luiz Seman (voz), João Motta (guitarra), Maurício Milani (baixo - Mixto Quente) e Maurício Leite (bateria).

CLASSIC BAND na fase Hilton Hotel (1990) - Luiz Seman (voz), João Motta (guitarra), Renê Parisi (guitarra), Franco Jr (teclado - PR.5), Hugo Hori (sax - Funk Como Le Gusta, Karnak), Fábio Arantes (baixo) e Maurício Leite (bateria).



CROSSROADS BLUES BAND II (1990) - Luiz Seman (voz), Rubinho Gióia (guitarra), Beto Birger (baixo - Nau) e Vagner T.C. Cardozo (bateria).

Formação sem nome (1990) - Luiz Seman (voz), Jorge Dias (guitarra), Mário Aphonso III (sax e vocal - Brinco Colado, Yo-ho-delic), Franco Jr (teclado), Zé Luis "Bolão" Zambianchi (baixo) e Djampa (bateria).

Formação sem nome (1990) - Luiz Seman (voz), Jorge Dias (guitarra), Mário Aphonso III (sax e vocal - Brinco Colado, Yo-ho-delic), Franco Jr (teclado), Marinho (baixo - Yo-ho-delic, Pavilhão 9) e Djampa (bateria).



POWER BAND (1991) Estilo: rock, pop. Luiz Seman (voz), Archimedes Monea (guitarra), Franco Jr (teclado), Ney Haddad (baixo) e Paulo P.A. Pagni (RIP - bateria - RPM).

QUANTUM II (1993) Estilo: rock progressivo. Luiz Seman (voz), Fernando "The Crow" Costa (teclados - Inox), Felipe Carvalho (baixo) e Paulo Zinner (bateria - Golpe de Estado, Fickle Pickle, Rita Lee).

FICKLE PICKLE (1993) Estilo: blues. Luiz Seman (voz), Marcos Otaviano (guitarra - Blue Jeans), Néelson Brito (baixo - Golpe de Estado) e Paulo Zinner (bateria).

DEEP BLUE (1993 - 1994) Estilo: blues fusion. Luiz Seman (voz), Archimedes Monea (guitarra), P. G. Cechetto (teclado), Fábio Arantes (baixo) e Luiz Antonio Antunes (bateria).



Em Curitiba

BASIC BLUES BAND (1995) Estilo: blues, hard rock. Luiz Seman (voz), Gustavo de Castro (guitarra), Fernando Daher (teclado), Juliano de Castro (baixo) e Ricarjones (bateria - RIP).

Formação sem nome (1996 - 1998) Estilo: jazz standard, Bossa. Luiz Seman (voz), Fernando Montanari (piano), José Boldrini (baixo acústico), Miceli e Saul Trumpet (trompete), Helinho Brandão (sax) e Tiquinho (RIP), depois Mauricy (RIP, bateria).

JAZZTO (1996) Estilo: jazz, Bossa, MPB. Luiz Seman (voz), Fernando Daher (teclado), Jonas Cella (baixo) e Marco "Catarina" Ramos (bateria); também José Boldrini (baixo) e Tiquinho (bateria).

BASIC BLUES BAND II (*No Festival Heineken Blues de 1999, foi 2ª colocada no geral, sendo 5ª colocada no voto do público e 1ª colocada no voto do júri*).

Estilo: blues. Luiz Seman (voz), Gustavo de Castro (guitarra), Fernando Daher (teclado), Juliano de Castro (baixo) e James Bertisch (bateria); também Mauro Braga (teclado).

BANDA QUORUM (1999) Estilo: pop. Luiz Seman (voz), Luciana G (voz), Dino Cardoso (Guitarra - Aquarius Band), Hélio Godoy (teclado), Milton (teclado - Aquarius Band), César Matoso (sax), Saul Trumpet (trompete), Maurício Godoy (baixo) e Ricarjones (RIP - bateria).



Formação sem nome (1998 - 1999) Estilo: pop, Bossa, MPB. Luiz Seman (voz), Fernando Daher (teclado) e Ricarjones (RIP - bateria).

Formação sem nome (1999) Estilo: pop, Bossa, MPB. Luiz Seman (voz), Fernando Daher (teclado), André Deschamps (sax) e Juca (RIP - bateria).

Formação sem nome (1999) Estilo: pop, MPB. Luiz Seman (voz), Fernando Daher (teclado), W Rocha (baixo) e Ricarjones (RIP - bateria).

Formação sem nome (1999) Estilo: pop, MPB. Luiz Seman (voz), Reamir Scarante (RIP - guitarra), Fernando Daher (teclado), Toni Rocha (baixo) e Ricarjones (RIP - bateria).

Formação sem nome (1999) Estilo: jazz, Bossa, MPB. Luiz Seman (voz), Reamir Scarante (RIP - guitarra), Fernando Daher (teclado).

IDIOMA BLUES (Festival Banho de Blues do Hermes Bar, 1999) Estilo: blues, rock. Luiz Seman (voz), Beto Blues (guitarra), Fabietz Machado (baixo) e Ricarjones (RIP - bateria).



SWEET MEMORIES I (1999 – 2004) Luiz Seman (voz), Valdir Ribeiro (guitarra), Mauro Braga (teclado), Toni Rocha (baixo) e Johnny Dyonisio (bateria).

SWEET MEMORIES II (2004) - Luiz Seman (voz), Valdir Ribeiro (guitarra), André Collini (teclado), Toni Rocha (baixo) e Johnny Dyonisio (bateria).

SWEET MEMORIES III (2004 - 2005) - Luiz Seman (voz), Valdir Ribeiro (guitarra), James Bertisch (teclado), Ruba Pasinato (baixo) e Lourival Sartori (bateria).

VINTAGE CLASSICS (2006) Estilo: jazz, tango, bolero, flash back, MPB. Luiz Seman (voz), Fábio Hess (guitarra e violão), Oziel Fonseca (RIP - teclado), Toni Rocha (baixo), Márcio Rosa (percuteria).

THE COMPANY (2006) Estilo: flash back, Bossa, MPB. Luiz Seman (voz), Beto Dias (guitarra), Serginho (teclado), Toni Rocha (baixo), Pilo Bartinikowski (percussão) e Tampinha (bateria).





SWEET MEMORIES IV (2007) - Luiz Seman (voz), Valdir Ribeiro (guitarra), James Bertisch (teclado), Ruba Pasinato (baixo) e Lourival Sartori (bateria).

SWEET MEMORIES V (2007) - Luiz Seman (voz), Valdir Ribeiro (guitarra), Ruba Pasinato (baixo) e Lourival Sartori (bateria).

RADYOROCKS ACOUSTIC TRIO I (2008 – 2011) Estilo: pop, rock. Luiz Seman (voz e cajón), Valdir Ribeiro (violão e vocal), Gustavo de Castro (violão).

RADYO BLUES BAND & LUIZ SEMAN (Curitiba Blues Jazz Festival, 2008) - Luiz Seman (voz), Valdir Ribeiro (guitarra), Gustavo de Castro (guitarra), Ruba Pasinato (baixo) e Lourival Sartori (bateria).

SWEET MEMORIES VI (2017 – hoje) - Luiz Seman (voz), Valdir Ribeiro (guitarra), Mauro Braga (teclado), Jonas Cella (baixo) e Lourival Sartori (bateria).

A banda Sweet Memories teve a honra de dividir o palco com outros artistas convidados: Cláudio Thompson (bateria), Charmak (bateria), Ervin (teclado), Fábio Hess (Guitarra), Felipe “Boquinha” Sartori (bateria), Leandro Ribeiro (teclado), Maia (baixo), Mateus Brandão (guitarra), Maurício Godoy (baixo), Milton (teclado), Paulão (baixo), Ricarjones (RIP - bateria), Sandro Ovsiany (teclado), Serginho Henrique (voz) e Tiago Brandão (bateria).

LUIZ SEMAN & CONVIDADOS (2010) Estilo: jazz standards, Sinatra, Bossa, tango, bolero, canções italianas. Luiz Seman (voz e cajón), Fernando Montanari (piano), José Boldrini (baixo acústico), Ivan Graciano (acordeão); também Alejandro di Nubila (bandoneón).

CURITIBA JAZZ ORQUESTRA (2010) - Estilo: jazz, swing, pop. Hélio Brandão e Leandro Machado (sax alto), Aloísio de Pádua e Jhonatan Pereira (sax tenor), Carlos Stremel (sax barítono), Douglas Chiullo, Alexander Neves, Ozéias Veiga



e Rogério Leitum (trompete), Alexandre Santos, Evaldo Ribeiro e Rodrigo Brazão (trombone), Guilherme Efrom (trombone baixo), Davi Sartori (piano), Mário Conde (guitarra), Glauco Solter (baixo), Hélio Milléo (bateria), Márcio Rosa (percussão), Norma Ceci e Sandra Avila (cantoras convidadas) e Luiz Seman (cantor convidado).

RADYOROCKS ACOUSTIC TRIO II (2012 – hoje) Estilo: pop, rock. Luiz Seman (voz e cajón), Valdir Ribeiro (violão e vocal), Ruba Pasinato (baixo e vocal); também Mateus Brandão (voz e violão) e Tiago Brandão (voz e baixo).

COLLMAN PASTORI QUARTET (2013) - André Collini (teclado), Luiz Seman (voz), Ruba Pasinato (baixo) e Lourival Sartori (bateria).

BRANMAN TRIO (2014) - Luiz Seman (voz e cajón), Mateus Brandão (violão/guitarra) e Tiago Brandão (baixo).

IDIOMA BLUES II (2016) Estilo: blues, rock. Luiz Seman (voz), Beto Blues (guitarra), Fabietz Machado (baixo), Mauro Braga (teclado) e Otávio Augusto (bateria).

BLACKLISZT / SOME GIRLS (2016 – 2018) Estilo: Soul Music / Rolling Stones. Luiz Seman (voz), Helio Freire (guitarra) e diversos componentes.

PASMAN DUO (2018 – 2021) - Luiz Seman (voz), Lu Pasinato (guitarra).

JAZZ DUO (2021 – hoje) Estilo: jazz. Luiz Seman (voz), Caio Santos (teclado).

IDIOMA BLUES III (2022 – 2023) Estilo: blues, rock. Luiz Seman (voz), Beto Blues (guitarra), Fabietz Machado (baixo) e Edi Tolotti (bateria).

BLUEZZY BAND (2023 – hoje) Estilo: blues, rock, jazz. Luiz Seman (voz), Beto Blues (guitarra), Nei Rangel (baixo) e Edi Tolotti (bateria).



Discografia/Videografia

Fita cassete: Vocal beat

Ano: 1990

Intérprete: Luiz Seman e convidados

Gravadora: Estúdio Quorum.

Estilo: Vários.

Tempo Total: 24:18

Gravei no Estúdio Quorum (SP) uma série de temas, num gravador Fostex de oito canais, no qual interpretei quatro vozes entre melodia, harmonização e backing vocals, mais os sons de instrumentos como bateria, baixo e trombone reprouzidos pela voz. Em três das faixas fui acompanhado por Maurício Leite (bateria em Tunktka), Ney Haddad (baixo em Calabria Road) e João Motta (Guitarra em Clapping).

1. Roxanne (Sting)
2. Calabria Road (Ney Haddad)
3. Tunktka (Maurício Leite)
4. Clapping (João Motta)
5. Vocal beat (Luiz Seman)

CD: Quantum II

Ano: 1993

Intérprete: Quantum

Gravadora: Record Runner.

Estilo: Rock progressivo.

Tempo Total: 43:38

Segundo CD da banda Quantum, gravei os vocais e fui autor de todas as letras. O álbum foi lançado graças aos esforços de Fernando "The Crow" Costa e por Alberto Vannasco, proprietário da loja de discos Record Runner. O álbum tem faixas com vocal e faixas instrumentais. Essa banda nunca se apresentou ao vivo – o que é uma pena.

1. The sword
2. The one
3. Forbidden tracks (instr.)
4. Anthem to the unknown (instr.)
5. Same old road
6. Cool wind
7. Parsecs (instr.)
8. The purple gates of sleep

CD: Blue Night Collection – Blues & Soul

Ano: 1994

Intérprete: Vários

Gravadora: Prod. independente

Estilo: Blues, soul, rock'n'roll.

Tempo Total: 56:42

Este CD é uma coletânea gravada por bandas que se apresentavam no começo da década de 1990 no Blue Night Jazz Bar, na Av. São Gabriel, em S. Paulo. O álbum foi iniciativa do dono do bar, o grande Marcelo Cavinatto. Nele, gravei com a banda Deep Blue as faixas "Mustang Sally" e "The thrill is gone".



CD: Right Stuff

Ano: 1996

Intérprete: Deep Blue

Gravadora: Castle Music

Estilo: Blues fusion

Tempo Total: 45:20

Álbum lançado após minha mudança para Curitiba. Eu tinha gravado os vocais, mas logo antes de rolar o "record deal" eu mudei de cidade (quem gravou a voz foi o Marcelo Palma, a quem agradeço e saúdo!). O som ficou meio blues pela proposta comercial que havia quando da concepção do som da banda; porém, se o trabalho tivesse sequência, com certeza caminharía para uma proposta mais abrangente, pois os músicos tinham diferentes influências. Todas as letras são de minha autoria, sendo este o melhor álbum que eu não gravei! Destaque para a canção Deep blues, que foi composta durante os ensaios para a gravação original, numa jam que rolou no estúdio do Paulo P.A. Pagni. O P.G. "puxou" um tema qualquer, os músicos entraram na viagem, e foi mágico; a música ficou quase completa já na primeira vez que foi executada; a letra inclusive, que compus simultaneamente à execução nessa mesma noite inesquecível.

1. Right stuff
2. Ball and chain
3. What can I do?
4. Hard time lovin'
5. Mustang sally
6. The thrill is gone
7. Twins
8. Strong
9. Empty room
10. Deep blues

CD: Sweet Memories Volume I

Ano: 2000

Intérprete: Sweet Memories

Gravadora: Prod. independente

Estilo: Flash back

Tempo Total: 47:10

Gravado com recursos próprios; fomos pagando a dívida no estúdio à medida que vendíamos os CDs em nossos shows. Pagou-se e "sobrou" grana pro próximo! Era um tempo em que vender CD (cobrando dez reais) ainda tinha apelo.

1. Sweet Memories
2. I feel good
3. Summer breeze
4. Listen to the music
5. Wild world
6. Can't take my eyes off of you
7. Handy man
8. Aquarius
9. My girl
10. I'm a believer
11. Don't let me be misunderstood
12. Unchain my heart

CD: Sweet Memories Volume II

Ano: 2001

Intérprete: Sweet Memories

Gravadora: Prod. independente

Estilo: Flash back

Tempo Total: 50:20

Outro álbum vendido em shows. Nele, destaco a gravação de Your song, que considero uma de minhas melhores interpretações em estúdio.

1. If you go to San Francisco
2. Your song
3. Behind blues eyes
4. Like a rolling stone
5. Sweet Caroline
6. I never cry
7. Easy
8. Dancing queen
9. Rock the boat
10. Addicted to love
11. Let's dance
12. Light my fire
13. Suspicious minds
14. Pretty woman

CD: Sweet Memories Volume III

Ano: 2004

Intérprete: Sweet Memories

Gravadora: Prod. independente

Estilo: Flash back

Tempo Total: 48:30

Mais um grande sucesso, ou seja, vendia umas dez cópias por show.

1. Rocket man
2. Hurricane
3. You can leave your hat on
4. Purple rain
5. I want to break free
6. Just the way you are
7. Year of the cat
8. Suzie Q
9. If you don't know me by now
10. Massachusets
11. Stand by me
12. Summer holiday
13. Time



DVD: Sweet Memories ao vivo no Guairão

Ano: 2007

Intérprete: Sweet Memories

Gravadora: Prod. independente - Ademar França (RIP)

Estilo: Flash back

Tempo Total: 1h33:30

Show no Teatro Guaíra (Curitiba), gravado ao vivo em 26 de julho de 2007. Distribuído apenas para divulgação.

1. Sweet Caroline
2. Rocket man
3. Massachusets
4. Horse with no name
5. You're so vain
6. My girl
7. If you go to San Francisco
8. Listen to the music
9. On Broadway
10. You can leave your hat on
11. Easy
12. Sweet memories
13. Stand by me
14. Light my fire
15. Radio ga-ga
16. September
17. Billie Jean
18. The wall
19. Have you ever seen the rain?
20. Suspicious minds
21. I feel good
22. Pretty woman



Vídeo clipe: You and me in CWB

Ano: 2014

Intérprete: Sweet Memories

Produtora: Wega Produtora

Tempo Total: 3 min.

Primeiro vídeo clipe da primeira música autoral da banda. Disponível (sem e com legendas em Português) em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=uXBtmbZqKLY>>

<<https://www.youtube.com/watch?v=XhyKHufz0Cw>>



Diversos links



Vídeos com Luiz Seman (*You Tube*).



Site musical
de Luiz Seman



Canal de Luiz Seman *no Soundcloud*.



Música “Demais”, gravada por Rose Figueiredo
(*Link p/ comprar o CD da Rose e ouvir um trecho da música*).



CD “Quantum II” (áudio no Youtube).



Música “Right stuff”, da banda Deep Blue (áudio no Youtube).

Jingles

Gravei inúmeros jingles, tanto em São Paulo quanto em Curitiba. Em São Paulo, o “mais importante” foi um jingle do Banco do Brasil, criado pela agência Master (de Curitiba), veiculado nacionalmente logo após a campanha vitoriosa de FHC à Presidência (1994). O jingle foi gravado em vários estilos musicais, cada um interpretado por um cantor “especialista” no estilo (entre eles Leila Pinheiro, Tobias da Vai-Vai, Sandra de Sá); gravei a versão rock’n’roll. Em Curitiba, destaca-se o que gravei em 1998 para a Divesa – revendedora Mercedes Benz – que ficou “no ar” por quase dois anos.

Em 2010, um jingle ficou bastante conhecido em Curitiba. Nele repeti, por inúmeras vezes, a frase: “*Negócio bom é na Luson*”, em ritmo de *blues shuffle*, que me proporcionou a característica “fama anônima” dos jingles: todo mundo conhecia o jingle, mas ninguém sabia quem cantou.



